

## 6

**Você ajuda as pessoas a começarem a sonhar**

Muda as pessoas que estão a sua volta (...) faz seus primos, seus sobrinhos, sonharem que é possível. Isso é o mais importante (...) você ajuda as pessoas a começarem a sonhar. Isso para mim não tem preço. Não é você contribuir com o carro da tua mãe, ou contribuir com o orçamento familiar (...) É saber que a sua sobrinha fala: “Ah, eu vou fazer jornalismo também!” Ou então o seu sobrinho fala: “Minha tia conseguiu, vou fazer medicina!” Jamais se sonhava em entrar na universidade. Eu fui a primeira pessoa da minha família a entrar na universidade. De todos: por parte de pai, de mãe e de todos os ancestrais, de tudo, enfim, de todos os escravos. Hoje eu tenho quatro pessoas [da família] na universidade. E quase todos da nova geração sonham... Isso não tem preço

Ex-estudante da PUC-Rio, Bacharel em Comunicação Social (2001).  
Rio de Janeiro, 18/07/2006.

Mais do que demonstrar a vitória obtida pelos indivíduos entrevistados ao conseguirem superar todas as dificuldades impostas aos estudantes pobres da população negra no Brasil para entrar, permanecer e sair formado da universidade, é importante demonstrar que a trajetória desses estudantes é uma prova de luta, dedicação e exemplo de “sucesso”. Como primeiros representantes do encontro entre a PUC-Rio e o PVNC, estes indivíduos, a partir desta experiência vital, protagonizaram e protagonizam uma nova prática social transformadora das relações sociais e raciais no contexto sociocultural brasileiro. Desse modo, eles expressam no sucesso de suas trajetórias a realidade objetiva da conversão do “capital cultural” adquirido e institucionalizado em oportunidades efetivas, verificáveis no produto que ela gera: o ingresso e a posição que ocupam na hierarquia ocupacional na esfera do trabalho; nas transformações ocorridas em sua vida material e no efeito multiplicador de suas trajetórias perante suas famílias e comunidades.

Sujeitos de sua própria história ao tomarem consciência das contradições que permeiam suas vidas, tais indivíduos trazem e traduzem como novidade um novo perfil do profissional negro na esfera do trabalho, não só por estarem ocupando posições desejáveis na hierarquia ocupacional, mas por revelarem em suas ações e atitudes um sentido de futuro nos efeitos positivos de serem mediadores e multiplicadores no processo de transformação da sociedade brasileira.

A estrutura do que relatarei neste capítulo se apresenta de forma a que o entendimento do todo fique claro. Principio com as questões relativas à esfera do trabalho por considerá-las fundamentais para as análises posteriores. Assim, destacarei aqui as questões ligadas às condições de ingresso; as posições ocupadas; a mobilidade das posições e as percepções sobre o “racismo”. Primeiramente destaco o discurso dos indivíduos entrevistados que estão ocupando uma posição satisfatória e condizente com a sua formação e que não observaram, especialmente os que se declararam negros, nenhuma resistência de ordem racial em suas relações trabalhistas, por estarem no lugar em que estão, ou mesmo observaram algum tipo de resistência dessa ordem a sua mobilidade ocupacional. Em seguida, destaco as entrevistas daqueles que estão satisfeitos com a posição que ocupam, mas que perceberam e percebem algum tipo de discriminação racial em suas relações trabalhistas, seja de ordem salarial, ocupacional ou relacionada à imagem social do negro, ou mesmo, por todos estes motivos reunidos.

Julgo relevante e expressivo aos propósitos deste trabalho, trazer como discurso<sup>1</sup> principal as vozes dos próprios indivíduos sobre suas trajetórias. Deliberadamente procurei não intervir no discurso dos entrevistados, trazendo minhas impressões acerca do que viveram e vivem em sua vida cotidiana. Acredito que agindo assim deixo muito mais claro o que quero transmitir, pois acredito também que todo o simbolismo presente em cada discurso traz à reflexão um borbulhar de vida e de sentimentos que a pura análise do que foi narrado não deixaria transparecer. Como este é um estudo sobre o resultado de políticas e ações afirmativas, entendidas sob o ponto de vista dos indivíduos beneficiados, afirmo que a concretude de toda discussão acerca dos processos de construção da identidade racial positiva, a efetiva

---

<sup>1</sup> O “discurso” no contexto estudado é utilizado para expressar a percepção dos entrevistados sobre a discriminação racial na esfera do trabalho. Discurso pode ser entendido aqui como o definiu Foucault: como prática social. Foucault expressa que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o entrelaçamento entre o léxico e uma experiência; mas mostra, por meio de exemplo preciso que analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Não trata os discursos como um conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente, diz, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e o ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1986, p. 56, citado em Fisher, 2001).

realização da “afrocidadanização” e os efeitos multiplicadores de cada trajetória tem sua substância direta no discurso de cada indivíduo entrevistado.

Por isso, trago os discursos de forma descritiva, alguns em sua íntegra, porque os julgo significativos e exemplares para o estabelecimento e pavimentação de um caminho, através do qual possamos seguir para transformar as bases pelas quais a sociedade brasileira tem se conduzido até hoje em relação aos indivíduos da população negra. São trajetórias exemplares e, por isso, precisam ser trazidas à baila como um farol que aponta **um devir, um futuro**.

Já destaquei que se formaram com mérito acadêmico e as condições pelas quais entraram na esfera do trabalho. Com isto, passo, agora, a narrar suas histórias, falar de suas lutas e de suas vitórias, de suas práticas cotidianas e do sucesso de suas trajetórias.

## 6.1

### O mercado de trabalho e a população negra

Ao ir a campo, na tentativa de comprovar ou não a hipótese levantada para este trabalho, deparei-me com várias situações e obtive respostas diferenciadas daquelas que acreditava que encontraria. Parti em minha pesquisa com o pressuposto de que para o indivíduo da população negra, mesmo formado na PUC-Rio com excelência acadêmica, os processos discriminatórios baseados em sua condição racial preponderariam nas escolhas e determinações das posições que ocupam ou ocupariam na esfera do trabalho. O fato de ter encontrado, neste particular, uma situação que contradiz a imaginada por mim, mostrou-me a realidade objetiva da possibilidade de uma futura mudança nas condições de ingressos e permanência no mercado de trabalho dos profissionais da população negra. Neste sentido, resolvi considerar inicialmente a posição que cada indivíduo entrevistado ocupa no *status* ocupacional na esfera do trabalho para, a partir daí, considerar as questões pertinentes ao “racismo” e a discriminação.

No decorrer das entrevistas um aspecto fundamental para a discussão desenvolvida neste trabalho chamou minha atenção: a relação existente entre o *status* ocupacional superior ou a posição hierarquicamente prestigiosa e a posição desejável

que cada entrevistado quer ocupar ou ocupa. A partir das entrevistas ficou mais transparente a importância simbólica e objetiva do profissional da população negra em ocupar determinadas posições de “prestígio” na hierarquia ocupacional, não só pelo exemplo de ascensão e mobilidade social, mas como uma demonstração irrefutável de sua competência para exercer determinadas funções e ocupar determinadas posições. Mas, ficou claro também que, em muitos casos, exercer uma posição que seja “prestigiosa” —no sentido de ser superior na hierarquia ocupacional— não é uma condição *sine qua non*, para determinar o nível de satisfação profissional, ou mesmo uma condição necessária para que tais indivíduos se sintam plenamente estabelecidos e realizados como cidadãos.

Aquilo que pode ser considerado como um dos efeitos perversos do “racismo”, isto é, a sub-representação dos indivíduos da população negra em posições hierárquicas superiores na esfera do trabalho, como vimos acima, aparece nos discursos dos indivíduos entrevistados como uma condição passível e possível de ser transformada objetivamente, mas que, subjetivamente, apresenta outra esfera de compreensão que tem a ver com a própria realização profissional e pessoal de cada indivíduo. O que pude observar é que muitos desses profissionais estão exercendo atividades que, embora não sejam consideradas ocupações superiores na hierarquia ocupacional da empresa onde trabalham, são posições desejáveis no sentido de sua realização profissional.

Este aspecto é destacado em trechos da entrevista da entrevistada 10. Para ela, mesmo que se considere a hipótese de que se quisesse ocupar um lugar de maior destaque e “prestígio” ela o ocuparia sem ter problemas de discriminação, mas a sua plena realização profissional não está na posição superior que pode ou poderia ocupar, apesar de ocupar uma posição limite e de destaque no setor em que trabalha, mas na especificidade da atividade que exerce, vejamos o que diz,

Hoje eu sou gerente de atendimento. Hoje a instituição é dividida em três gerências: Gerência Administrativa; Gerência de Atendimento, que é a parte ligada diretamente ao trabalho com as famílias e a Gerência Geral, que é hierarquicamente mais alta. Então, sou gerente administrativa, tem tudo a ver com meu trabalho, porque o trabalho com Serviço Social não está ligado só com as ações diretas com os usuários, há também essa parte de implementação, de planejamento, que é toda parte que eu faço. Nessa área que eu trabalho, esse é o espaço máximo, na verdade, porque o atendimento, o atendimento agora lá é dividido: o apoio técnico, os assistentes sociais,

psicólogos, nutricionistas, as voluntárias, que atendem também as famílias e aí tem uma parte de informática e tal, e o direito do atendimento, que é justamente o setor mais elevado hierarquicamente nesse espaço de trabalho. Então, assim, esse espaço é o espaço que poderia estar. O outro espaço hierarquicamente mais elevado, digamos, que seria a Gerência Geral, é o espaço que eu não tenho a menor vontade de trabalhar, absolutamente, é muito número, sabe, aí é, não só muito número, é muito burocrático, então, não tem nada a ver com o que eu gosto de fazer. No meu trabalho eu estou perto das famílias, eu quero ver como as famílias estão, se estão melhorando sua situação ou não, eu tenho contato com o atendimento de alguma forma. É o que eu gosto muito mesmo, então, assim, eu não tenho interesse de fazer outra coisa. Hierarquicamente acima seria a Gerência Geral, não tenho menor interesse. (Entrevistada 10. Formada em Serviço Social no ano de 2000. Rio de Janeiro, 04/05/2006).

Mas o fato de ter observado tal realidade não afasta a realidade objetividade da condição do profissional negro no espaço do trabalho, nem significa desconsiderar os aspectos “sutis” presentes nas relações raciais que impedem um profissional negro de ocupar efetivamente uma posição prestigiosa. Ao contrário, significa, como veremos nos discursos, que ainda existem barreiras à serem ultrapassadas para que essa realidade dos efeitos perversos do “racismo” na esfera do trabalho seja de fato transformada.

Cada um dos entrevistados, tanto os que estão plenamente satisfeitos com a posição que ocupam como aqueles que ainda não atingiram tal satisfação, trazem para o âmbito desta análise as diversas nuances que as relações trabalhistas apresentam. Compreendo que estas não são relações estáticas, mas situacionais, contingentes, que em muitos casos independem da qualificação profissional ou mesmo se referem a situações ligadas às questões de “raça”. As dinâmicas das relações trabalhistas incidem diretamente sobre uma série de relações objetivas, inclusive as que levam diretamente a processo de discriminação, como veremos em alguns discursos, que devem ser consideradas. Entre estas relações está certamente presente a questão, como apontam alguns entrevistados, da promoção, ou seja, a possibilidade do profissional negro ascender na posição ocupacional.

Além disso, conforme demonstra Silva (1999, p. 201), a questão da ocupação é uma variável fundamental do mercado de trabalho que atua diretamente na determinação de diferenças de renda entre os grupos de cor. É através do desempenho de um papel ocupacional que a renda do indivíduo é obtida. Este autor afirma, que as diferenças de renda entre indivíduos igualmente qualificados pertencentes a grupos

diferentes —negros e não-negros— tem que ser acompanhadas ou por diferenças e realização ocupacional —o desempenho de papéis ocupacionais que pagam mais, ou por diferenças de salário dentro de uma ocupação, diferenças na recompensa econômica pelo desempenho das mesmas tarefas.

A discussão sobre a dinâmica da posição ocupada pelos indivíduos entrevistados se justifica pelos seguintes aspectos: em primeiro lugar por trazer à luz a sua posição no *status* ocupacional e o seu nível de satisfação; em segundo lugar para se saber em que medida as práticas discriminatórias tem impedido, ou não, a sua ascensão a posições superiores e não-subalternas; em terceiro lugar para apontar como esta realidade vem se transformando lenta e progressivamente, abrindo o caminho para uma nova realidade profissional do profissional da população negra no mercado de trabalho.

### 6.1.1

#### **É estudando que a gente consegue!**

A trajetória entre a saída da universidade e a entrada no mercado de trabalho dos indivíduos entrevistados se mostra relativamente próspera e positiva, correspondendo quase em toda sua totalidade a relação entre horizonte de conversibilidade do “capital cultural” institucionalizado e a estrutura de oportunidades para ocupar determinadas posições. Isto significa dizer que quase a totalidade dos entrevistados se inseriu na esfera do trabalho em posições desejáveis e condizentes, do ponto de vista da sua satisfação profissional, após a sua formatura na graduação.

Para a grande maioria o ingresso na esfera do trabalho ocorreu relativamente de forma rápida e sem muitos obstáculos: durante os cursos através de estágios, ou como contratados. Alguns até se utilizaram do “capital social” adquirido e ampliado na universidade, através do qual estabeleceram um importante *network* com os demais discentes e com alguns professores, conseguindo ser indicados e encaminhados para o trabalho.

Vários dos entrevistados, especialmente os que se declararam negros, estão ocupando posições que até então não era comum encontrar um profissional negro,

obviamente que em alguns casos ainda incidem algumas discriminações, tanto em termos salariais, como em termos ocupacionais, mas em termos de ingresso apresentam um verdadeiro potencial à transformação da realidade experimentada pelos indivíduos da população negra até então. Certamente, dada as condições atuais esta é uma realidade que, a persistirem as atuais ações individuais e coletivas associadas a políticas públicas contra a desigualdade racial, certamente o futuro será próspero. Em muitos dos casos observados, a discriminação ocupacional praticamente inexistente, deixando em seu lugar, “apenas” as discriminações salariais.

Esta é uma mudança significativa, dado que a desigualdade racial nas relações trabalhistas se caracteriza pela forte presença de discriminações, tanto no âmbito salarial como, e principalmente, no âmbito ocupacional. O fato relevante demonstrado no resultado das entrevistas é que a entrada no mercado de trabalho de uma população negra qualificada, com ensino superior e graduada em uma das mais prestigiosas universidades do Brasil têm ampliado de maneira significativa não só a igualdade de oportunidades, como também a igualdade de posições na hierarquia ocupacional no mercado de trabalho.

Não quero dizer com isto que a discriminação racial tenha deixando de existir, muito pelo contrário, continua ainda muito forte. Afirmando, no entanto, que o “efeito multiplicador” da presença de negros em posições hierarquicamente superiores e desejáveis aponta para uma nova configuração nas relações trabalhistas. Certamente a esfera do trabalho tornar-se-á cada vez mais democrática e “afrocidadã”, à medida que o indivíduo da população negra ocupar tais posições, o que certamente exercerá uma influência direta na ampliação, não só da igualdade de oportunidades, mas fundamentalmente na ampliação da igualdade social.

Dito isto, passo agora a considerar as histórias daqueles que se consideram plenamente satisfeitos em suas posições, por estarem exercendo suas atividades profissionais em uma posição condizente com a sua formação, e que também não perceberam algum tipo de discriminação racial na esfera do trabalho.

Uma peculiaridade apresentada nas entrevistas que certamente exerce uma influência determinante na existência ou não de discriminação racial na esfera do trabalho, é o fato de alguns dos profissionais entrevistados exercerem suas atividades

em setores da esfera do trabalho em que teoricamente, pelo menos no momento de seu ingresso, a questão racial não se mostra preponderante, tais como o serviço público, em particular as escolas do ensino fundamental e médio e o Terceiro Setor, com suas atividades voltadas à ação social e a solidariedade. Em função disto, o fato concreto é que nas relações trabalhistas consideradas no momento da entrevista estes não sofreram e/ou não perceberam a força do “racismo”.

É significativo neste aspecto, o discurso da entrevistada 5, quando declara que o seu ingresso no mercado de trabalho foi um pouco complicado, o que a levou a considerar que a opção sobre o curso de História havia sido equivocada, mas apesar deste início declara estar muito feliz com a carreira escolhida. Diz não ter muito dinheiro, mas consegue viver do fruto da faculdade. Quando considera a questão do “racismo” na esfera do trabalho, afirma não ter percebido nenhuma resistência, neste sentido, a posição que ocupa diretamente ligada a sua condição de afrodescendente. Mas, suas considerações apontam também para um dos aspectos mais significativos a serem considerados quando se discute discriminação racial nas relações trabalhistas: não ocupa uma posição que exija promoção, então não há segundo afirma, conflito de poderes.

Hoje só exerço tudo na área de História, tudo na área de História. Trabalho em três escolas, professora de 5<sup>a</sup>. ao 3<sup>o</sup>. ano, nunca me afastei sinceramente daquilo que me formei. Todo meu ganho pão foi sempre em cima de História, inclusive uma das coisas que me ajudaram de certa forma até mesmo a ganhar certo, não um *status* financeiro, mas um *status* de conhecimento intelectual, foi em cima da questão racial (...) não, até volto a dizer, por conta do tipo de trabalho que eu ocupo (...) como minha função é de ser professora, eu não sinto este tipo de resistência, de repente se eu ocupasse algum outro tipo de cargo, onde existisse a questão de ser promovida, talvez. Mas, nesse sentido, não, não. Porque, assim, eu sou professora e pronto (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Diz ainda que não sofreu qualquer discriminação racial em relação a sua pessoa quando do exercício de suas atividades profissionais, apesar de ter sofrido e percebido durante o curso de graduação. Aponta também ter percebido dentro do ambiente de trabalho acontecer com outros negros amigos de trabalho,

Preconceito! Mais em relação à idade, não em relação a ser afrodescendente. Mas, eu sentia no período em que eu estava na faculdade. Então, eu sentia em vários momentos, ainda mais que o curso de História da PUC-Rio é muito elitista. Então, no tempo de faculdade eu sentia isso. Agora, no mercado mesmo, eu nunca me senti desprezada neste sentido, nunca senti preconceito mesmo. Então, eu não experimentei isso em nenhum local que eu tenha trabalhado, mas eu já senti, e isso é uma coisa muito



complicada, eu já senti em relação a outras colegas, elas sofreram isso na minha frente, porque tem uma coisa que você sabe que existe no Brasil, é que as pessoas gostam de criar tonalidades. Eu não sou considerada negra por ninguém, não sou. Eu tenho o cabelinho enroladinho. Então, em relação a alguns colegas meus que são negros mesmo, meus colegas negros retintos, eles, tem alguns que sofrem sim. Eu mesmo nunca sofri em relação, no mercado de trabalho. Já sofri em outros momentos, é lógico, mas no mercado de trabalho, no lugar onde eu (...) as posições que ocupo em sala de aula, não (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Inserindo-se simultaneamente ao término da graduação no mercado de trabalho, o entrevistado 6, afirma ser sua posição condizente com a formação, ressaltando dois importantes aspectos: de um lado, o fato de não ter experimentado nenhuma situação de resistência a esta posição e, de outro, que para que ocupe uma posição acima seria preciso ultrapassar as etapas necessárias para tal.

Quando eu me formei, o que aconteceu, eu entrei logo no Mestrado. Eu me formei em 2002.2, e já em 2003 entrei no mestrado, e muito em função de eu fazer parte do Programa de Ensino Tutorial, PET. Este por ser um grupo que justamente serve para preparar quadros para pós-graduação, para assistência, para coordenação, facilitou bastante no sentido de eu começar a dar aula. Logo que eu entrei para o mestrado, eu também comecei a dar aula aqui no departamento. Eu comecei a dar aula desde o início de 2003. Eu me formei em dezembro e em março já estava dando aula aqui no departamento (...) É, eu sou professor no quadro de professor extraordinário, e também sou coordenador adjunto de monografias. Aqui dentro do departamento a gente tem coordenadores em cada área: coordenador de graduação, coordenador de monografias, de atividades complementares. Então, cada um desses coordenadores tem um coordenador adjunto. Eu já fui coordenador adjunto de graduação e agora sou da coordenação de monografias (...) Não, tem etapas que você tem que passar, não pode queimar etapas, porque existem diversos quadros: principal, complementar, horista e tal, até porque precisa ter alguns pré-requisitos que você precisa cumprir, e tem outra situação, para ser do quadro principal tem que ser doutor, então, quer dizer, não terminei o doutorado ainda. Então, quando eu terminar o doutorado aí a situação aqui nessa escala vai melhorar, acredito (...) Olha, não, não, aqui dentro não. Essa não foi uma questão relevante a ser levada em conta no momento em que eu ingressei (Entrevistado 6. Formando em Direito no ano de 2002. Gávea, 05/10/2006).

No discurso do entrevistado 7, se destaca a forte presença de um dos elementos mais significativos do “capital social”, as redes de sociabilidade, que foram fundamentais para que ele ingressasse imediatamente no mercado de trabalho, o que aconteceu quando ainda estava na graduação através de estágio, com “um pouco de sorte, porque durante a graduação eu montei um grupo de amizade muito forte, colegas que me ajudaram muito, e um desses colegas me indicou para onde estou hoje”.

Mas ao falar de sua posição, fala da estrutura da empresa em relação ao *status* ocupacional dos funcionários e das possibilidades de ascensão. Chama a atenção para a questão da discriminação social pelo local onde residia que em muitos casos o impediu seu ingresso em determinadas empresas. Destaca ainda que, apesar de ter morado em uma comunidade pobre, considerada de risco, não é um fator de resistência na empresa onde trabalha, tanto na posição, como no salário. Declara também não ter sofrido qualquer discriminação de cunho racial nesta empresa — lembro que este entrevistado declarou ter o fenótipo branco— mas que já sofreu em outras ocasiões pela questão da moradia.

Aqui eu sou considerado, o cargo Administrador Junior, é Administrador Junior, é no plano de cargos e salários, mas no cargo mesmo, função, eu estou como Analista de Marketing Junior. Acho que é condizente, estou ainda entrando no mercado, o nível salarial está no nível de mercado normal. É uma política, no caso aqui, ela é bem transparente, ela é igual para todos. Então, o que eu ganho, independente de eu morar na Rocinha, se morou ou se deixou de morar, não influenciou em nada. Quem mora na Tijuca ou na Barra, que tem o mesmo cargo que eu aqui na empresa, ganha a mesma coisa. Então, isso aqui não influencia, agora, fora, ainda não tive experiência profissional como, no caso de Administrador Junior em outras empresas, então, não posso dizer. Aqui eu tenho o mesmo nível salarial normal (...) Eu não percebo não, até porque, aqui a estrutura organizacional é muito achatada. Então, não é em relação a mim que acontece esse tipo de problema, esse problema é um grupo de pessoas que está num nível intermediário, que é não operário, mas também que não é gerente ou coordenador, que está ali meio que achatado, são poucos cargos a concorrer, e pessoas, tem pouco giro, então, dificilmente ou eu ou qualquer outra pessoa concorre a um cargo superior, por enquanto também não pretendo, não me acho preparado (...) Olha, aqui na empresa, nenhuma, pelo menos, não que eu sinta, nenhuma mesmo. Mas em entrevistas feitas no mercado de trabalho antes desta empresa, vários estágios, especialmente em bancos. Vi muitos estágios em bancos, por já ter trabalhado em bancos anteriormente, fui estagiário de um banco, como menor, tentei muito banco, mas sempre batia, sempre parava na entrevista, parava na entrevista, parava na entrevista. Assim, não é conclusivo, mas, eu sempre acabava achando que tinha alguma coisa a ver por eu morar na Rocinha, alguma coisa desse tipo, mas não deixavam claro também, mas acho que também não deixariam (Entrevistado 7. Formado em Administração no ano de 2003. Rio de Janeiro, 24/04/2006).

Para a entrevistada 8, no espaço onde atua, as questões ligadas a sua ascensão no âmbito de suas relações trabalhistas é condicionada pela progressiva etapa pela qual precisa passar para atingir determinadas posições. Destaca também não ter percebido nenhuma resistência a sua posição e/ou a promoção desta posição de caráter racial, em virtude da especificidade da atividade da empresa em que trabalha

cuja atividade principal está em atender junto aos movimentos sociais as comunidades pobres.

Sim, isso, aqui a gente não é (...) nós somos contratados pela profissão, aqui na equipe nós somos cinco: tem duas assistentes sociais (...); tem um sociólogo, tem um psicólogo e um filósofo. Uma é doutoranda, está terminando, tem outro que tem mestrado, eu tenho pós-graduação, e os outros estão ainda em nível de graduação. Então, hoje, eu sou técnica, comecei como auxiliar técnica e fiquei num período de seis anos aqui. Então, eu fiquei três anos como auxiliar técnica, coordenando alguns projetos (...) o salário tinha um diferencial, óbvio, e depois de três anos eu fui absorvida como técnica. Tem um coordenador e quatro técnicos, os salários são iguais (...) Não, não, foi tudo um processo profissional que ocorre mesmo: saber criar, trabalho, uma escala que qualquer um tem que passar, entrando, dentro da instituição (...) Não, não, não, por onde eu passei, mas acredito que vários companheiros sim, até porque na instituição que estou é difícil isso acontecer, muito pelo contrário, é uma instituição que trabalha junto com os movimentos sociais, junto com uma população, e luta pela igualdade (Entrevistada 8. Formada em Serviço Social no ano 2000. Rio de Janeiro, 26/04/2006).

Já a entrevistada 9, em relação a posição ocupacional, se destaca o fato de ela ter ingressado durante a sua graduação pela Universidade em um Departamento que trabalha com as questões sociais e com pessoas envolvidas com esta questão racial, e de trabalhar atualmente em sua própria ONG. Em função disso, e por não ter disputado no começo da carreira um espaço de poder com outras pessoas, não percebeu a negatividade do “racismo”.

Mesmo antes de terminar a graduação, comecei a fazer um estágio, e após terminar curso, que eu fiz Letras, secretariado executivo, após terminar o curso eu continuei trabalhando na mesma empresa, por mais uns três anos e pouco, depois disso eu fui trabalhar em ONGs. Eu mudei um pouco o meu perfil profissional, hoje não trabalho na área de letras, hoje estou fazendo pós-graduação na área de sociologia, comecei a trabalhar em ONGs, mudei o perfil original (...) Hoje eu coordeno uma ONG aqui na Baixada Fluminense, que é uma coisa que eu perseguia a muito tempo. Porque precisa, precisa ter alguma coisa, alguma instituição que traga (...) que abra algumas oportunidades para as pessoas que moram na Baixada Fluminense. E hoje eu coordeno uma instituição aqui. Tem tudo a ver com a minha trajetória universitária, com minha trajetória de vida, com a minha trajetória profissional, tem tudo a ver (...) não, não senti isso (...) fui envolvida pelo próprio ambiente universitário onde eu trabalhava, onde eu estudava. Estudei e comecei a trabalhar lá mesmo com uma pessoa que estava sempre ali envolvida com projetos, com questões que a gente discutia na PUC-Rio. Então, não senti essa negatividade, essa discriminação no ingresso no mercado de trabalho, acho que por conta disso. Eu não fui obrigada a disputar com outras pessoas e tal, foi um processo meio que natural, dentro da própria universidade (Entrevistada 9. Formada em Letras no ano de 1998. Duque de Caxias, 31/05/2006).

Por trabalhar na PUC-Rio desde o período anterior a sua formação, também para a entrevistada 11, a posição que ocupa atualmente é satisfatória e não observa

nenhuma resistência, mesmo porque, a semelhança da entrevistada 5, no local onde trabalha não há campo para promoção. Ela declara também não ter percebido no seu ingresso na esfera do trabalho nenhuma discriminação porque já estava fazendo estágio na empresa quando passou ao quadro de funcionários.

Eu sou secretária do núcleo (...), atendendo diretamente mais a diretoria do núcleo e sou professora também do Núcleo, e condiz com o que eu me formei, nas duas profissões nas quais eu sou formada. Não, não vejo, assim, nenhuma resistência declarada. Não, até porque aqui não tem campo para promoção, (...) Não, eu não sofri nenhum preconceito em termos de ingresso, como critério e tudo mais, não tive preconceito não. Fui bem aceita e, mas também já era um campo que eu fazia estágio. Então, não teve nenhuma novidade, quando eu passei a ser contratada, funcionária mesmo, não teve nenhuma coisa nova (Entrevistada 11. Formada em Letras no ano de 2001. Rio de Janeiro, 27/06/2006).

Destas entrevistas destaco dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, que independentemente da prestigiosidade ou não da posição que cada um ocupa, os entrevistados exercem atividades ligadas a sua formação e, nesse sentido, sentem-se plenamente estabelecidos e satisfeitos. Em segundo lugar, que não há resistência à estarem ocupando tal espaço por serem indivíduos da população negra, ou mesmo oriundos das camadas pobres. Destaca-se ainda o fato de que nas posições em que estão é imprescindível se ampliar a formação para galgar uma posição imediatamente superior, supondo-se, naturalmente, a partir de suas declarações que ao terminarem a ampliação de “capital cultural”, sejam realmente aproveitados. Tudo indica que de fato o serão.

Após destacar a positividade das posições ocupadas e a não percepção de discriminação racial na esfera do trabalho, por parte de alguns dos entrevistados, passo a descrever a trajetória daqueles que perceberam ou percebem, de alguma forma, as “sutilezas” das discriminações raciais, apesar de se considerarem plenamente estabelecidos nas posições que ocupam.

### 6.1.2

#### **Isto é normal?**

A partir da discussão sobre a dinâmica das posições pude perceber que as relações trabalhistas de alguns dos profissionais negros entrevistados trazem e traduzem evidências e traços de discriminações, ligadas principalmente ao tipo de

atividade exercida pela empresa em que trabalham, especialmente em empresas da iniciativa privada, e a especificidade da função que exercem, isto é, posições ligadas a prestígio e/ou ao poder.

As entrevistas demonstraram a existência de fenômenos de desigualdade racial, no âmbito micro e macro das relações trabalhistas, com comportamentos discriminatórios, tanto no que se refere ao salário, quanto à situação ocupacional, ou seja, apresentam situações e comportamentos que revelam que, mesmo em termos de formação acadêmica idêntica, o profissional negro quando consegue ocupar posições de alta qualificação e confiança, ou mesmo de *status* social, ainda assim, não são reconhecidos e remunerados da mesma forma que os profissionais não-negros.

As entrevistas apresentadas neste tópico possuem uma característica específica: são de indivíduos que se inseriram no mercado de trabalho em posições condizentes com a sua formação, que não encontraram barreiras raciais para estarem em suas posições, que estão plenamente estabelecidas e satisfeitas, mas que, e apesar disto, reconhecem a existência de elementos “sutis” do “racismo”. Tais expressões se configuram em diversos episódios, em seus relacionamentos cotidianos, nas suas atividades profissionais, através das quais, direta ou indiretamente, são frequentemente surpreendidos e marcados fortemente por comportamentos e ações discriminatórias.

Diversas são as práticas discriminatórias que sugerem a existência de “racismo” em relação ao negro na esfera do trabalho, tais como as práticas relacionadas diretamente a condição salarial e/ou ocupacional. Estas são formas discriminatórias mais facilmente identificáveis, porque podem ser percebidas e medida empiricamente como foi demonstrada pelos estudos acima mencionados, mas há aqueles tipos de discriminações ligadas aos estigmas e aos estereótipos ligados a aspectos desabonadores e desqualificadores da imagem social do negro que, como vimos, é um processo de longa duração, quase nunca passíveis e possíveis de serem identificados e que muitas vezes exercem sua força no silêncio e na dissimulação. Tais sutilezas, muitas vezes interpretadas como não-existência de discriminações, exercem expressiva influência no comportamento que desacredita da possibilidade intelectual de um profissional negro em ocupar determinadas posições e, dessa forma,

influenciam diretamente sobre a não-presença destes profissionais e em sua ascensão a postos de prestígio e poder na hierarquia das relações trabalhistas.

A este propósito, Silva (1999) aponta outras formas básicas através das quais se podem perceber a discriminação contra os negros no mercado de trabalho, são as seguintes: a) Discriminação em capital humano, com o bloqueio dos canais de mobilidade ou serem impedidos de conseguir qualificações necessárias para assumir ocupações elevadas, sendo que este processo ocorre bem antes do negro ingressar no mercado de trabalho, ainda no período em que está estudando, relacionado diretamente ao seu “capital cultural” advindo das condições familiares e de socialização as quais está inserido e da qualificação que lhe é oferecido na escola; b) Discriminação de emprego, com os negros sofrendo mais do que seria proporcional com o desemprego; c) Discriminação ocupacional, os negros podem ser impedidos de assumir algumas ocupações que pagam mais, independentes de serem qualificados ou não; d) Discriminação de salário, os negros podem receber menos, exercendo as mesmas funções que os brancos, isto é, salário desigual por trabalho igual.

No aspecto que diz respeito a questão da discriminação salarial, Silva destaca que este mecanismo de mercado parece variar em tamanho e direção de acordo com a ocupação. Citando os Hodges (1965), fala que estes autores afirmam que os negros estão em condição econômica pior que os brancos e assim são forçados a aceitar salários mais baixos que os brancos pelo desempenho do mesmo trabalho. Neste sentido, os salários mais baixos pagos para os não-brancos tendem a reduzir os salários dos brancos na mesma ocupação. Levanta, assim, a hipótese de que quanto maior for a população de trabalhadores não-brancos em determinada ocupação, maior será a má-vontade dos brancos contra seus co-incumbentes não-brancos. Assim, esta má-vontade, faz com que os brancos pressionem os empregadores, elevando às níveis mais altos a discriminação contra os não-brancos para neutralizar o efeito para baixo sobre os salários causados pela concorrência dos não-brancos. Parafraseando Stolzenberg (1973), esta seria a hipótese denominada de “ameaça econômica” (Silva, 1999, p. 205).

Para este autor, de acordo com a “hipótese do apinhamento” de Bergmam (1971 citado em Silva 1999), algumas ocupações estão abertas a não-brancos, e outras não.

O apinhamento resulta desta situação, fazendo com que o fornecimento relativo de mão-de-obra nestas ocupações exceda os níveis normais e assim reduza os salários nas ocupações de não-brancos. Com isso, os únicos brancos dispostos a trabalhar nestas ocupações seriam aqueles com níveis altos de habilidades específicas para estas ocupações, aqueles capazes de receber salários mais altos nestas ocupações do que conseguiriam em “ocupações de brancos”. Deste modo, presume-se que níveis mais alto de participação por parte dos não-brancos em uma dada ocupação levará a níveis mais altos de discriminação racial.

Silva fala ainda que a discriminação salarial parece surgir a partir das diferenças em oportunidades de realização ocupacional, determinada em grande parte pela escolaridade individual, como uma indicação das exigências educacionais para a incumbência ocupacional. Neste sentido, a desvantagem dos negros no mercado de trabalho está diretamente relacionada ao fato de que:

... são menos eficientes na conversão de investimentos escolares em posições ocupacionais melhor remuneradas e no mercado de trabalho sofrem chances menores de ter uma carreira e mobilidade, cujo resultado são recompensas econômicas menores (Silva, 1999, p. 208).

As entrevistas a seguir são ilustrativas do que acabo de discutir, é mesmo paradoxal, e só observando como se estrutura a discriminação racial no Brasil e o efeito perverso da “democracia racial”, para se entender e explicar a razão de alguns profissionais da população negra, oriundos das camadas pobres, consegue ultrapassar as barreiras mais difíceis: entrar na universidade, permanecer nesta e sair formado com mérito, e ainda conseguir se inserir no mercado de trabalho, mas continuar estacionado sem ter oportunidades de ascensão.

As entrevistas são exemplos contundentes da presença e de práticas discriminatórias nas três vertentes apontadas: ocupacional, salarial e sobre a imagem social do negro. A discriminação exercida com base nesta última vertente pode incidir diretamente sobre as outras, ou ser a causadora dos outros tipos de discriminação. No discurso dos entrevistados se revelam de maneira clara e objetiva as sutilezas subjacentes que envolvem nas relações raciais as práticas discriminatórias na esfera do trabalho.

Para a entrevistada 2, esta sutileza se torna clara em virtude da especificidade da empresa em que trabalha, uma empresa da iniciativa privada que, segundo suas percepções, as discriminações tendem a se manifestar de forma incisiva, não só sobre a não mobilidade da posição que ocupa, mas também sobre o salário que recebe. Na distribuição percentual sobre o ingresso no mercado de trabalho dos indivíduos entrevistados, esta entrevistada está colocada entre aqueles que conseguiram ingressar na esfera do trabalho ainda durante a graduação. Mas, apesar deste fato, revela que não tem sido plenamente satisfatória a sua relação trabalhista, não tem conseguido converter o “capital cultural” incorporado, com a graduação e com a posterior e atual pós-graduação, em oportunidades ocupacionais e salariais satisfatórias, devido principalmente a existência de práticas discriminatórias.

Diz ter ingressado no mercado de trabalho através das redes de relacionamentos, por ter convertido o “capital social” adquirido na PUC-Rio em oportunidades, conseguindo estagiar e posteriormente se efetivar em seu primeiro emprego após a sua formação na graduação, através da indicação de um dois seus professores. Revela também que sua posição é condizente com o que se formou, pois se graduou em informática e trabalha como Analista de Sistemas. Reconhece, no entanto, que a positividade de sua posição não significa dizer que se sente plenamente realizada, ao contrário, ela afirma que poderia estar num cargo mais acima na mesma área. Diz que trabalha na área, mas que talvez pudesse estar um pouco à frente, pelo tempo que tem de experiência. Sugere assim, que há uma incidência de práticas discriminatórias que tem obstaculizado sua ascensão na empresa. Ouça o que diz,

Pelo tempo de experiência que eu tenho, eu comecei a estagiar mais ou menos no terceiro período, então, vamos dizer que eu tenho uns nove anos de experiência, então realmente já era para eu estar um pouco acima em termos de cargo, em termos de salário, mas em informática isso depende muito da empresa. Por exemplo, aqui os salários são meio fechados mesmo, mesmo eu não sendo funcionária (...) tem outra coisa também, eu já estou aqui há quatro anos, então uma coisa que eu observo, tem pessoas que entram na empresa são contratadas rapidamente, porque aqui a gente trabalha terceirizada, como pessoa jurídica, e a gente [os negros] (...) eu não conheço ninguém que tenha sido contratado. Até na área da informática a gente vê poucas pessoas da nossa cor. Então, as vezes uma pessoa que entrou depois, ou se não, que entrou em poucos meses foi contratada. E aqui eu não vejo isso de (...) para algumas pessoas há um tratamento diferente. Em termos de mercado também eu acredito que várias pessoas que estudaram comigo, se formaram até depois, hoje já tenham cargos mais compatíveis com o tempo de experiência, cargos e salários também mais compatíveis com o tempo de experiência do que eu. Assim, como eu trabalho com



informática, não é que eu tenha o salário baixo, eu tenho um salário bom, mas não é compatível com o tempo de experiência que eu tenho (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Ainda há vários outros contextos de práticas sutis e veladas em que percebe a existência de discriminações que a tem impedido de ascender, tanto na posição que ocupa, quanto no salário que recebe. Seu discurso traduz como a “manifestação” sutil do “racismo”, se o podemos considerar assim, age sobre o negro e como a manutenção da sua subalternidade na posição ocupada está diretamente relacionada a negatividade associada à imagem social do negro, reforçando todos os estereótipos ligados a esta imagem, como a de não considerar seu mérito individual, desconsiderando a sua luta, não só para ampliar a sua formação acadêmica, mas, principalmente, nas atividades que exerce, condenando-a assim a se empenhar cada vez mais, a se posicionar cada vez mais, para conseguir ficar no mesmo lugar. Esta falta de reconhecimento do mérito para a ascensão profissional é, de fato, um dos efeitos mais perversos do “racismo”.

A gente tem que provar que estudou senão a gente não consegue. Eu convivo com pessoas que nem faculdade tem, porque informática é uma coisa muito aberta. Mas, assim, a gente vê que isso acontece com quem é negro. Eu vejo muito isso, na minha área então, eu acho que sou a única, eu olho para todos os lados e não vejo ninguém, eu vejo muito isso. Várias pessoas que nem faculdade tem ou faculdade incompleta ou ainda está estudando e tem o salário igual ou maior, na maioria das vezes maior, sem ter a formação, e a gente não, a gente tem que ter a formação comprovada. Nós negros temos que ter a formação comprovada e temos que ter experiência. A experiência que eu tenho hoje é muito mais do que eu estou fazendo em termos de trabalho, eu já poderia estar fazendo outras coisas, mas o que eu vejo é que é sempre assim, a gente tem que ter além da formação, a gente tem que ter experiência muito grande para poder conseguir fazer uma coisa abaixo do que a gente já faz. Se eu quisesse fazer uma coisa no nível que eu já estou, aí seria muito difícil, tem que aumentar a formação para fazer uma coisa abaixo (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Outro aspecto apontado por esta entrevistada, já comprovado empiricamente nos estudos sobre relações raciais no mercado de trabalho é a dificuldade que os negros encontram para trabalhar em empresas da iniciativa privada, com especial destaque para os bancos.

Porque nós negros, a gente não entra nas empresas privadas, então aonde a gente encontra mais oportunidades, é fazendo concurso público e ficando lá. Minha família, por parte de pai, a maioria já está aposentada, mas todo mundo foi concurso público e, por parte de mãe, quem está trabalhando é concurso público também. As únicas de empresas privadas dessa geração é eu e minha irmã, mas também a gente já viu que a

saída é mais o concurso público, não é questão de desistir, é que a gente sempre vê que por mais que a gente estude, a gente está sempre ocupando um lugar abaixo do que a gente deveria. Então, eu acho que a gente só consegue uma estabilidade e derrepente uma ascensão dentro do serviço público. Todo mundo diz que não é racista, mas a gente sempre sente uma situação dessa, só que a gente não consegue provar que realmente aconteceu, por exemplo, empresas privadas, bancos. Banco é o lugar que é super difícil você entrar. Esses bancos privados, já fizeram entrevistas, de primeiro mandar o currículo e depois pedir para vir correndo, que adorou o currículo, tanto eu quanto a minha irmã, e depois quando chega lá a pessoa leva um choque, você vê que as coisas modificaram, quando você chega lá e a pessoa te vê, uma entrevista que normalmente dura, sei lá, meia-hora, durar 5 minutos, três minutos, só da pessoa chegar, constatar, vê que não era bem aquilo que eles queriam, apesar de toda sua experiência, todo seu currículo bater com o que eles querem, isso ser desfeito em questões de minutos, e aí você percebe, mas nunca consegue provar. As pessoas falam “ah!, não existe “racismo””, mas é lógico que existe, lógico que existe várias situações assim, além de frases que a gente ouve, as vezes não para você, mas contendo sobre alguma outra coisa, e você chega para entrevista de uma coisa que você já foi pré-selecionada pela sua experiência, pelo seu currículo, chega lá, a pessoa em cinco minutos te entrevista, aí você fala: isso é normal! Não é normal, não é normal! (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Contundente e significativa em sua expressão máxima e que deixa de forma clara como se manifesta em suas diversas nuances as relações raciais no Brasil, é a declaração da entrevistada 12, que exerce sua função profissional em empresa do Terceiro Setor ligada a mídia televisiva. As suas percepções sobre o “racismo” em suas relações trabalhistas se revelam em dois aspectos: por um lado, nas questões relacionadas à imagem social do negro, no seu caso, ligada diretamente a especificidade da posição que ocupa como apresentadora de um telejornal, cuja ocupação lhe dá certo *status* em relação aos outros profissionais e, por outro, na discriminação salarial em relação aos profissionais que ocupam a mesma função, dentro ou fora da empresa. Classifico esta entrevistada, em relação ao grupo entrevistado, como a representante mais emblemática de um indivíduo da população negra que conseguiu ascender a uma posição de destaque e de “sucesso” na sociedade brasileira, por ocupar especificamente um dos espaços mais representativos e de referência estética na sociedade brasileira. Ou seja, conseguiu se inserir em um espaço no qual as relações raciais são incisivas e atuam de forma efetiva contra a presença do indivíduo da população negra.

Desta forma, tornou-se, sob o meu ponto de vista, um exemplo para todo o movimento negro, para a sua família e para a comunidade na qual reside, pois

efetivamente ocupa uma posição de destaque no campo onde atua e recebe um salário superior ao da maioria da população. Veja o que diz,

Olha! Hoje eu sou uma apresentadora num telejornal. É condizente com a minha formação. É isso que (...) é, quem se forma em jornalismo pode ser editor, pode ser apresentador, pode ser produtor. Enfim, aliás, é uma das posições mais *tops*, assim, dentro da redação, é claro que tem o editor chefe que é superior a mim, eu não mando na redação, mas é uma posição, assim, digamos, um pouquinho mais independente, um pouquinho mais acima. Digamos que não seja tão comum alguém oriundo do pré-vestibular conseguir uma posição que tenha é... *glamour*, e que tenha um pouquinho mais de *status*, que é a minha posição hoje, me esforço para isso (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Ao falar sobre sua percepção da existência ou não de resistências e discriminações à posição que ocupa, ela dá um exemplo clássico de como as discriminações raciais e os preconceitos estão presentes em suas relações cotidianas, relacionadas à imagem social do negro e aos estereótipos que esta carrega.

É... não, as vezes sim, mas elas são sempre em formas de “racismo” mesmo em relação às vezes ao maquiador, que não tem costume de lidar com você, ou o camareiro, não estou dizendo que acontece isso aqui [na emissora onde trabalha atualmente], mas estou dizendo que eu já enfrentei esse tipo de situação. É (...) quando as pessoas sabem da minha história, principalmente da minha história, da minha origem pobre, as coisas mudam um pouquinho. Isso é um tipo de resistência, elas já não encaram mais da mesma forma, é como se quem tem uma posição semelhante a minha, o maquiador ou o cabeleireiro, ou de origem pobre, que ainda tem essa origem, é exigida mais de você, querer mais de você, ou pise mais em você, o que é pior ainda. Então, às vezes você tem que lidar com este tipo de situação, assim, tipo “ah, mas você não nasceu em berço de ouro, tem que (...) ah, pelo amor de Deus”, ou o que se faz para alguém que nasceu em berço de ouro, não se faz para o outro. Então, é uma coisa muito louca, mas acontece sempre, esse tipo de resistência eu encontro (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

No que diz respeito à mobilidade de sua posição, reconhece que não há resistência a sua promoção à sua posição atual, advertindo que as resistências que existem acontecem no âmbito das discriminações ligadas também aos estereótipos sobre o negro e que tais manifestações, que não a impedem de exercer sua função, servem de impulso para que prospere ainda mais,

Não, não, acho que não. Talvez de algumas coisas normais do ser humano mesmo, jornalista igual a mim que, bem, “essa garota só tem vinte e nove anos” (...) isso é muito normal também, “Ah, garota nasceu em Nova Iguaçu, mora em Nova Iguaçu ainda. Como assim, ela já ganha tanto? Como assim, ela já ocupa essa posição?”, e essa coisa assim, “é porque ela é negra, eles estão querendo um apresentador negro”. Quando um negro chega a ser apresentador, ele nunca chegou porque ele é competente. Se chegar uma apresentadora loura, “nossa, como ela é competente, parabéns, conseguiu essa vaga”. Se for uma negra, “ah, eles estavam querendo uma negra para

botar nesse lugar”. Então, você nunca vai chegar a determinado lugar pela tua competência, isso faz, isso é péssimo, mas eu aprendi que isso, pelo menos nesses anos todos, até dentro da universidade, me fez refletir que eu dou cada vez mais de mim, eu me torno cada vez melhor, porque, como eu tenho que auto-afirmar, eu estou sempre procurando está melhor, melhor, melhor. Quando eles olharem eu já estou tão boa que não dá mais para voltar (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Mas, apesar desta trajetória positiva, de ter conseguido ultrapassar uma importante barreira e de ter-se inserido de forma imediata na esfera do trabalho, ao reconhecer que a posição que ocupa é condizente com a sua formação e que exerce uma das funções mais importantes no âmbito da mídia televisiva, aponta ter percebido em diversos momentos e situações a marca pungente do “racismo”. Ela é enfática ao falar sobre esses momentos.

Oh! Quer exemplos, milhares. Olha! eu tenho, assim, N exemplos de “racismo”. “Racismo”, ele existe na prática, ele é concreto. É, eu sofri, é claro, muito preconceito, muita discriminação, sofro ainda até hoje. Algumas pessoas chegam para mim e perguntam: “mas, é, ah, é legal, que bom você conseguiu, também é muito mais fácil ser uma apresentadora negra, porque todo mundo quer botar agora um negro na televisão”. Então, “racismo” mais sutil. Agora, tinha um “racismo” mais descarado, por exemplo, em São Paulo, é um exemplo clássico esse, em São Paulo, por acaso, no setor de maquiagem todas as minhas maquiadoras eram louras e as cabeleireiras, então, era muito engraçado, porque chegava alguns artistas para participar de um programa de entretenimento que tem lá, e aí, eu estava sentada, as vezes esperando para me maquiar, e aí, eles olhavam, olhavam, o pessoal todo louro, assim, eles olhavam para mim e falavam: “será que você pode fazer meu cabelo?”. Era uma coisa muito normal, porque no inconsciente coletivo, eu não era apresentadora, a apresentadora devia ser alguma daquelas, eu devia ser a cabeleireira ou devia ser a maquiadora, provavelmente. Então, era muito comum, sempre me escolhiam, sempre me perguntavam: “será que você pode fazer meu cabelo?”. No decorrer desses anos, assim, eu tenho, é, N exemplos disso. Para mim foi muito difícil no início superar, passar por isso, entender. Hoje a gente cria uma casca, eu acho com o tempo a gente vai criando uma casca, a gente vai ficando mais forte, é claro que ajuda também ser apresentadora (...) hoje ter um pouquinho mais de respeito das pessoas naturalmente, por causa do *glamour* de ser apresentador. Então, você tem um pouquinho mais de voz, você tem um pouquinho mais de vez, algumas coisas (...) nem chegam mais para você. Mas, no início quando você é estagiário, nossa, várias vezes, no início, no primeiro canal que eu trabalhei, inclusive, as outras estagiárias (...) surgiu um teste para repórter, eu fui a única que não fui chamada para fazer o teste, todos os estagiários foram. É uma coisa bem, assim, eles não acreditavam, não acreditavam, enfim (...) é o “racismo” sutil também, ou não, nem sei se isso é sutil, acho que isso é até descarado (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Mas a discriminação em sua trajetória não aparece somente em formas de estereótipos ligada a imagem do negro, revela-se também em formas de discriminação salarial.

Agora, hoje, eu ganho um excelente salário em relação a população brasileira, em relação a população brasileira, não em relação aos apresentadores, não em relação a quem faz a mesma coisa que eu, meu salário é baixo em relação as outras pessoas que tem a mesma função. Eu ganho um salário baixo em relação a eles, mas eu conquistei muitas coisas, e essa conquista não foi minha, foi uma conquista familiar (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

No entanto, a positividade de sua trajetória não é maculada por estes fatos, pois o nível de consciência que atingiu sua afroconsciência a permite se posicionar no mundo de forma positiva, para superar, dessa forma, todas as agruras e viver plenamente sua afrocidadania.

Enfim, sofri muito preconceito e ainda hoje enfrento isso, mas enfrento, já encaro de outra maneira e aprendi um pouquinho a levantar a cabeça e botar o nariz um pouquinho para cima na hora de falar, porque senão a gente não consegue, nessa luta, a gente não consegue continuar (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Ainda no âmbito desta discussão, destaco ainda o discurso da entrevistada 10 sobre a sua percepção do “racismo” em suas relações trabalhistas. Mesmo ocupando uma posição de destaque no *status* ocupacional da empresa em que trabalha, ela não deixa de perceber algumas manifestações de discriminação em relação a sua posição.

Oh! Como na empresa eles trabalham muito com voluntário, quando eu entrei fazia parte do primeiro grupo, quer dizer, era a primeira assistente social que tinha na instituição que chegava como estagiária e a discriminação era porque as pessoas não aceitavam o serviço social, elas achavam as pessoas voluntárias. Entendiam que o que elas faziam já era serviço social, então não precisava pagar alguém para fazer aquilo. Então, até que a gente mostrasse que o trabalho não é o mesmo, que o serviço social não é só ter uma boa vontade e fazer algum trabalho para alguém, foi bastante difícil. Essa foi uma das dificuldades, de certa forma, discriminação. Agora, pela questão racial, assim, lá como há muitos voluntários, fica aqui no meio da Zona Sul, são todas brancas da classe média, classe média alta e o grupo de estagiárias que entrou eram cinco estagiárias e três da PUC-Rio, então, assim, três negras da PUC-Rio, então, assim, um grupo que por N questões destoavam completamente do mais comum lá, que eram voluntárias, que eram brancas, tal coisa assim. Então, foi muito difícil até a gente conseguir, fazer um trabalho de parceria com elas (Entrevistada 10. Formada em Serviço Social no ano de 2000. Rio de Janeiro, 04/05/2006).

Posso dizer, com base nas respostas recebidas que, tanto por parte dos entrevistados que não percebem manifestações de “racismo” na esfera do trabalho, quanto por parte daqueles que afirmam percebê-las, que as discriminações raciais não se apresentam de forma explícita, como um impedimento de fato ou como um fator determinante para que tais profissionais ingressem e/ou ocupem determinadas funções. Creio ser esta a razão principal para que a metade dos entrevistados declare

que não percebe, ou percebeu ainda, a existência do “racismo” em suas experiências profissionais. Para aqueles que não reconhecem mecanismos de “racismo” na esfera do trabalho, no entanto, é sempre bom lembrar que há considerações de outra natureza a serem levadas em conta, tais como: a natureza da empresa em que trabalham e as especificidades técnicas das suas profissões, bem como a ausência de oportunidades de disputa por posições hierarquicamente superiores.

Contudo, vale à pena voltar a frisar que esta percepção não significa dizer que não exista discriminação racial contra os profissionais negros, como foi fartamente exemplificado nas respostas dos indivíduos do segundo grupo, pois, sob certas circunstâncias, persistem fortes evidências da existência de “racismo”, sobretudo contra os profissionais negros que ocupam posições de destaque.

## 6.2

### **O Efeito Multiplicador: as transformações materiais e simbólicas**

O ingresso imediato na esfera do trabalho em posições e salários condizentes com a formação, uma realidade para a maioria dos entrevistados, foi fundamental, como era previsto, para uma transformação substancial em suas vidas. Oriundos de famílias e comunidades pobres, como mostram suas histórias de vida, tais indivíduos deram um salto quantitativo e qualitativo em suas vidas, transformando-se assim, em exemplos da condição de possibilidade de transformação nas condições materiais, culturais e sociais dos indivíduos pobres da população negra, ou seja, da possibilidade concreta da realização da afrocidadanização”.

Nesta discussão ressalto que a transformação das condições materiais de vida, entendida aqui, sob alguns aspectos, como uma relativa mobilidade social, em virtude da conversão de “capital cultural” em posições desejáveis na esfera do trabalho, deve considerar o que diz Pastore e Silva (2000, p.1) que “os estudos de mobilidade social não são *flashes* de curto prazo”. Portanto, as trajetórias exemplares e seus efeitos multiplicadores, são indícios de um devir, de um futuro, a partir da ampliação das oportunidades.

Uma análise da Mobilidade Social conforme Scalón (1999, p.18) requer uma concepção de espaço social onde se distribuem bens e valores e se definem as

posições dos atores, e conseqüentemente suas relações. Entretanto, o espaço social não é estático, e é através do estudo da mobilidade que se busca capturar a intensidade das mudanças, revelando dessa forma como ele é organizado. Para a autora,

O pressuposto básico das análises de mobilidade é o de que na sociedade moderna as oportunidades de aquisição de riqueza e poder são diferenciadas e dependem de condições sociais que não se restringem às qualidades pessoais. Dessa forma, o estudo da mobilidade social torna possível identificar rotas, bloqueios, sucessos e fracassos que são padronizados e sistemáticos, e devem ser entendidos como resultados tanto de talentos e realizações individuais como de processos sociais. Dessa forma, a mobilidade social inscreve-se nas análises de desigualdade, na medida em que estas esclarecem processos de cristalização ou redistribuição, permanência ou mudança nas chances de alocação em posições da estrutura social (Scalon, 1999, p.18).

Por considerar recente, nova e inédita a condição de ingresso na esfera do trabalho de profissionais com o perfil como dos que foram pesquisados, não considero esta parte do trabalho como uma específica análise sobre mobilidade social. Considero esta parte como um importante conjunto de dados irrefutáveis da possibilidade de ascensão econômica a partir da ampliação do “capital cultural” para os indivíduos pobres da população negra. Assim, posso afirmar que em curto espaço de tempo foi possível para alguns indivíduos do grupo pesquisado, se comparado com a geração imediatamente anterior a sua, pai e mãe, uma mobilidade social ascendente, com a ampliação de seu acesso a determinados bens econômicos e, principalmente a benefícios simbólicos. Estas transformações se refletem no “efeito multiplicador” de suas trajetórias. Entendo como “efeito multiplicador” o resultado expressivo de uma trajetória exemplar que desempenha um papel de apontar um devir como possibilidade de se fazer sonhar, tanto os indivíduos mais próximos, os mais distantes, os integrantes das suas famílias, como alguns indivíduos da sua comunidade, com um nível socioeconômico e cultural diferente.

### 6.2.1

#### **Deu uma melhorada básica!**

Nesse processo de transformação das condições materiais dos indivíduos pesquisados, se tomarmos como exemplo a tabela representativa das ocupações

elaboradas por Pastore e Silva (2000, p. 21)<sup>2</sup>, para comparar a ocupação familiar, embora não tenha feito um estudo efetivo sobre este ponto em particular, mas baseando-me nas respostas, posso dizer que muitos dos entrevistados saíram da condição de pertencer ao estrato ocupacional de médio-inferior: trabalhadores urbanos qualificados e semi-qualificados para a condição classificada como alto: profissionais de nível superior e grandes proprietários, representado sem sombra de dúvida uma importante mobilidade ascendente.

A propósito dos discursos apresentados aqui, veremos que há diferenças fundamentais a serem consideradas no que concerne à transformação na vida dos entrevistados, pois, como apontei anteriormente, o processo de mobilidade social não é um *flash*, algo que se dá num instante, mas um processo longo de luta e perseverança aliada as oportunidades e competências, porque nem todos conseguiram dar este salto de qualidade. Alguns já trabalhavam em outra atividade e não perceberam uma mudança substancial na sua condição material, principalmente por não terem ingressado de forma imediata na esfera do trabalho. Outros, muito embora afirmem ter acontecido mudanças significativas em sua vida material, revelam que a grande mudança ocorreu no âmbito do simbólico. Porque mais do que fazer sonhar com um futuro cada trajetória demonstra uma realidade objetiva, tanto no que concerne a transformação da qualidade de vida, quanto nas formas de serem considerados e reconhecidos na sociedade. Isto é significativo do ponto de vistas das representações sociais na sociedade brasileira.

No que se segue apresento alguns dos depoimentos mais ilustrativos e que transbordam vida das transformações ocorridas na vida dos indivíduos entrevistados.

Vemos, por exemplo, no discurso da entrevistada 2, como este reflete sua condição de plenamente satisfeita com a sua vida atual, mesmo considerando os problemas relacionados a discriminação ocupacional e mesmo salarial, pois traz e revela a mudança profunda ocorrida em sua vida material. Ouça suas palavras,

Olha, antes de eu entrar na faculdade, eu morava em Deodoro, uma comunidade pobre e, assim, depois que eu me formei (...) eu tenho também a minha irmã, ela também fez informática em outra universidade, então a gente se uniu para conseguir sair dali (...) porque era o lugar em que a gente cresceu, que a gente nasceu, mas a gente queria

---

<sup>2</sup> Esta tabela possui seis categorias: (1) baixo-inferior; (2) baixo-superior; (3) médio-inferior; (4) médio-médio; (5) médio-superior e (6) alto.



conquistar algumas outras coisas (...) porque todo mundo sabe que os lugares carentes as vezes tem um pouco mais de violência também do que os outros lugares. Então, na época da faculdade a gente chegava super tarde em casa. Saía da PUC-Rio as dez horas, chegava todo dia a meia-noite, então sempre tinha um perigo para chegar em casa. Então, a primeira coisa que a gente pensou foi: “depois que a gente se formar, vamos tentar sair daqui”. Assim, depois de dois anos de trabalhando, juntando dinheiro, a gente conseguiu sair dali, e nós duas juntas conseguimos comprar este apartamento. Depois de dois anos que a gente se formou, e depois de mais um tempo, de mais um ano, um ano e meio, a gente conseguiu comprar um carro também juntas. Então, hoje em dia a gente ainda mora com nossos pais. Nós nos mudamos para o Méier, minha mãe também. A nossa família toda tinha a mesma condição social, de pobres. Então, a minha mãe deixou a casa dela para os irmãos dela, com um irmão e uma irmã, eles moram lá. Então a gente procura ajudar as outras pessoas da família. Minha mãe é a mais velha, então ela está sempre ajudando, e a gente também. Eu tenho uma prima que está na faculdade agora, quando ela precisa, a gente ajuda (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Observamos também no discurso da entrevistada 5, que houve uma melhoria significativa em sua vida, se comparada a uma realidade comum vivida pela maioria do estudantes das camadas populares que ingressam no ensino superior: a dificuldade de viver a universidade, devido principalmente a insuficiência de capital econômico para se manter e atender a todas as despesas que estudar exige.

Olha, não posso dizer que seja uma vida recheada. Não é uma vida que não se tem dificuldade, como não é para muita gente, mas se for comparar o que eu passava na faculdade: levar lanche, não ter dinheiro, nenhum centavo para poder comer na faculdade, tinha que lavar lanche de casa, ficava o dia todo na faculdade (...) usava blusa de uniforme para entrar pela frente no ônibus. Se comparar, lógico, eu estou longe disso, muito longe, graças a Deus. Porque, hoje eu posso, hoje eu tenho a minha casa própria, na verdade eu sempre tive, nunca morei de aluguel, minha mãe tem casa e tudo (...), mas, depois, eu pude construir uma casa junto com meu marido. Uma coisa que na nossa época era quase impossível de pensar era uma coisa sempre muito complicada que era o fato de eu poder ter computador com acesso a Internet e você poder ter, (...) isso, é claro, que tem outras implicações, que é o fato da economia estar diferenciada hoje, está tendo muito coisa mais popularizada, no sentido de que existe as privatizações, o estado neoliberal, enfim. Mas, mesmo assim, eu conheço alguns professores que não tem acesso a computador, que não tem casa própria, enfim, não tem uma vida confortável. Eu posso dizer que tenho uma vida confortável hoje. Eu sei que, por exemplo, se hoje chegar um feriadão, “vamos viajar, vamos embora, vamos viajar”! (...) ainda não tenho uma casa na praia, nem um iate, mas hoje eu posso planejar alguma coisa, antigamente eu não podia (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Além da positividade de ter conseguido ascender economicamente, se mostra fundamental em sua trajetória a possibilidade de indivíduos da sua família pensar também em ascender socialmente através da educação superior,

(...) ocorreu sim, na medida em que algumas pessoas hoje na família pensam em ascender socialmente. E, como a gente, de certa forma, sabe que, quando a gente nasce numa família empobrecida, com pouca possibilidade, a educação é única saída, é o único caminho para que você possa realmente entrar no mercado de trabalho e ascender socialmente. Então, hoje, sim. Hoje eu posso falar que a minha família, ela se modificou, a gente tenta ainda, a gente luta, batalha para poder conseguir fazer algumas coisas, mas hoje a gente sonha em relação as coisas que há anos atrás a gente não podia sonhar: de poder ter uma casa mais confortável, de poder ter um carro. A gente sonhava em ter carro em casa e hoje o pessoal lá em casa pensa nisso. A minha irmã um carro. Hoje eu tenho uma irmã minha que fez faculdade, que é funcionária federal, então, ela comprou a casa dela, coisas que derrepente há 5 anos atrás a gente não pensava que poderia ter (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Esta insere ainda em nossa discussão uma importante questão, a presença da família, da colaboração de toda a sua família no seu processo de ascensão, um fato que ocorre em muitos casos nas camadas populares, ao escolher-se um representante da família para fazer o ensino superior e, desta forma, depois de formado este venha a impulsionar a mobilidade da família.

Na verdade, tudo aquilo que a minha mãe possibilitou que eu pudesse estudar, meus irmãos, que ficavam juntando vale-transporte para eu ir faculdade, porque eu também não tinha dinheiro. Hoje, inclusive, eu retribuo isso ajudando a minha mãe, eu participo de boa parte da renda da família, ainda mesmo depois de casada, porque eu sei que tudo aquilo que eu pude fazer foi graças a minha família. E muitos, inclusive, irmãos meus que não puderam estudar e que não fizeram a faculdade, porque eu sou caçula de meus irmãos. Eu como caçula, de certa forma, tem um pouco aquela idéia de que “ah, tudo que eu não pude fazer o caçula vai fazer”, eu e minha outra irmã. Então, fui a única lá em casa a sair do ensino médio e ir direto para uma faculdade. Isso, de certa forma, é retribuído hoje, na medida em que eu (...) muito dos meus irmãos, agora com trinta e pouco, quarenta anos, estão entrando na faculdade. Então, é um pouco mesmo essa questão de que eu e minha irmã mais nova (...) a minha irmã estudou na UFRJ, ela fez letras. Eu e minha irmã, a gente de certa forma acabou por incentivar isso, porque eles perceberam que era possível fazer e que a gente pode fazer, porque a gente tinha irmãos que trabalhavam e nos ajudavam. Hoje, na verdade, e muitas vezes, até o contrário. Hoje eu trabalho para tentar ajudar minha irmã a ter uma faculdade (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

No discurso do entrevistado 7, a expressão de que houve uma importante transformação em sua vida se reflete em três ganhos principais: na possibilidade de adquirir bens materiais, na concretude de poder dar um tratamento melhor ao seu filho e na sua saída do local onde residia.

É, vou te falar, deu uma melhorada básica. Principalmente depois da efetivação aqui na empresa. Quando eu ia para a PUC-Rio, eu gastava centavo a centavo, dava calote em ônibus (...) às vezes eu saía dos Correios, ia com a camisa dos Correios para PUC-Rio, para não ter que pagar a passagem. Durante o estágio na aqui na empresa, se eu não me

engano já estava até casado, e também economizava grão a grão. Depois que eu consegui efetivar, depois teve o meu filho também, eu consegui dar um padrão um pouco melhor, consegui esse apartamento, que também não é grande coisa, mas já é fora da Rocinha, já não peguei aquela guerra que teve há dois anos, saí duas semanas antes da guerra. Consegui comprar com a ajuda da família o apartamento, que não é nada de luxo não, apartamento simples, simples, simples, só que a questão é, era a casa que eu tinha lá dentro [na Rocinha], só que agora é fora, mesma coisa, é na Praça Seca, e algumas coisas, alguns apetrechos, alguns supérfluos, vamos dizer assim, que hoje eu tenho o que naquela época eu não tinha. E consigo hoje também dar uma condição ao meu filho, que é “especial”, tem uma síndrome estranha que ninguém conhece, ainda está estudando, consigo pagar um tratamento para ele, com o salário que eu ganho e com a ajuda da empresa, consigo pagar fisioterapia, fono. Tem uma questão lá com minha esposa, que consigo também dar uma condição, que naquela época com certeza eu precisando não teria como fazer isso (Entrevistado 7. Formado em Administração no ano de 2003. Rio de Janeiro, 24/04/2006).

A entrevistada 10 fala que sua grande mobilidade, além da mudança na condição financeira, também ocorreu no âmbito do simbólico, com a entrada também de sua irmã no curso superior.

Antes eu não trabalhava, quer dizer, eu até trabalhava, eu terminei o segundo grau e fui trabalhar num escritório de contabilidade, ganhava um salário mínimo e trabalhava bastante, na cidade, e morava com minha mãe. Minha mãe trabalhava no comércio, sempre foi comerciária, hoje não mais, mas trabalhava no comércio (...) e tenho uma irmã que é dois anos mais nova do que eu. Quando eu estava entrando na universidade ela estava saindo do segundo grau. Hoje não, hoje eu moro sozinha, sou casada, mas ganho bem mais do eu ganhava. Então, a vida hoje é bem melhor, sabe, tenho acesso a mais coisas que eu não tinha antes (...) tipo, mais acesso culturalmente, mais cinema, mais teatro, mais dessas coisas, além de benefícios, coisas materiais mesmo (...) Eu fui a segunda pessoa da minha família que entrou na universidade. A minha irmã entrou para UERJ, para fazer filosofia e logo depois passou aqui para PUC-Rio para fazer letras e já terminou, já fez mestrado, já defendeu, agora está se preparando para o doutorado. Então, essa é a grande mobilidade. Assim, culturalmente todo mundo está se encaminhando, sabe, não só culturalmente, óbvio que financeiramente também acontece, mas, até mesmo, sabe, esse empenho, essa mudança de caminho (Entrevistada 10. Formada em Serviço Social no ano de 2000. Rio de Janeiro, 04/05/2006).

A entrevistada 11, afirma que em termos econômicos houve uma autonomia maior em sua vida, mais expectativas e possibilidade de planejar o futuro.

Em termos econômicos eu tenho uma autonomia um pouco maior, e tenho mais perspectivas. Com a minha formação o que me acrescentou mais foi a questão da perspectiva, planejar alguma forma de crescer culturalmente, academicamente, então, abriu meus horizontes nesse sentido. Agora, eu já tinha uma autonomia grande porque eu sempre trabalhei, então, eu não tive muita novidade financeira (...) (Entrevistada 11. Formada em Letras no ano de 2001. Rio de Janeiro, 27/06/2006).

Para a entrevistada 13, houve uma melhoria em sua vida material, destacando os momentos difíceis pelos quais passou na PUC-Rio. Sua entrevista é importante porque retrata um momento expressivo da história do convênio da universidade com o PVNC, apontando os benefícios oferecidos pela instituição como um dos instrumentos para a permanência e saída após a formação de muitos dos estudantes pobres que lá ingressam.

Então, é para chorar. Antes, assim, eu gastava na época cento e vinte reais por semana, de passagens, eu pegava carona, eu comia pão com ovo ali a AFPUC, depois veio o FESP, eu fui uma das primeiras beneficiadas do FESP, mas não era essa coisa que é hoje, essa coisa boa: é passagem para o dia todo, é almoço todos os dias. Era assim, um talãozinho, aquele antigo talãozinho de vale transporte com vinte e cinco *tickets* para o mês todo ou recebia cinco vales para o lanche no antigo *Subway* ou bandejão, e fora isso o que tinha mesmo certo eram as cotas de xerox, que nós tínhamos cinquenta por mês, que o ciclo básico dava. Não era nada de mais que desse para o mês todo, como é agora, os meninos do FESP, eles têm o mês todo garantido. Não sei como é agora, mas naquela época o FESP só ajudava até o quinto período, porque eles acreditavam que no quinto período você já consegue arrumar estágio. Agora, sei lá, agora esta legal, porque eu tenho a minha própria renda (Entrevistada 13. Formada em Letras no ano de 2001. Rio de Janeiro, 20/07/2006).

A entrevista número 14, revela também como os processos de bolsa e auxílio oferecidos na PUC-Rio, como já vimos, para alguns que se destacam, ajudam também a vida dentro e fora da universidade, pois como afirma este entrevistado, “houve uma melhora em certos ângulos do consumo, em relação a realidade anterior que não dá para comparar”.

Ah olha, foi uma guinada muito grande. Tipo era muito ruim, acho que para todo mundo do pré. Tipo, a gente não tinha dinheiro para tomar café, no bar dos funcionários, assim, que era o mais baratinho. Então, eu lembro que tinha, eu nunca me esqueci disso, tinha uma colega minha, eu lembro que a gente dividia pão com ovo, no primeiro ano, tipo assim, metade de um pão com ovo com média, ali no bar dos funcionários. Às vezes ela não tinha nada, eu tinha, a gente trocava. Agora (...) tem uma coisa que eu achei muito interessante na PUC: a ajuda que os colegas te dão lá, então, por exemplo, de tirar texto Então, o primeiro ano foi muito complicado, tanto que essa histórias que estou te contando foi no primeiro ano, logo depois no segundo eu consegui entrar no PET. O PET tinha uma bolsa auxílio, então, as coisas ficavam, assim, minimamente tranquilas, não era aquela pindaíba da passagem, da xerox, mas você tinha que segurar a onda também. E hoje em dia eu sinto que não, hoje em dia é muito confortável em tudo, não tem do que reclamar, assim, é, acho que pela quantidade de horas que eu trabalho, sou muito bem remunerado. Agora não tem como comparar (...)

(Entrevistado 14. Formado em Geografia no ano de 2001. Rio de Janeiro, 26/07/2006).

Como já observei acima, uma das mais expressivas trajetórias de “sucesso”, também neste particular, é a trajetória da entrevistada 12. Esta reflete, em seu sentido econômico e simbólico, a importância de se ampliar às igualdades de oportunidades para os indivíduos das camadas populares para o ingresso no ensino superior, como um dos principais e efetivos instrumentos para se eliminar a desigualdade social na sociedade brasileira.

Seu discurso traz importantes questões. Inicialmente nos fala do seu ingresso e da sua permanência na universidade, da dificuldade que os estudantes pobres experimentam quando ingressam na universidade, destacando os percalços e as humilhações pelas quais passou para conseguir se formar. Posteriormente aponta que sua conquista não é somente uma conquista individual, mas principalmente uma conquista coletiva, da qual participam todos: familiares e vizinhos. De seu discurso brota toda a essência do que quero transmitir neste trabalho. Dele também brota todo o sentido que quero dar as expressões “efeito multiplicador” e “afrocidadanização”. Ouça a pujança do seu importante discurso.

Essa é para chorar (...) o ingresso na universidade foi muito duro. Meu pai era motorista de ônibus, minha mãe trabalhava com projeto social. A gente sempre teve uma consciência social por causa disso, mas, sei lá, a média salarial da minha família na época devia ser seiscentos reais, e as passagens para a PUC custavam quase trezentos, duzentos e pouco, metade do orçamento da família. Eu passei roupa para pagar passagem, eu vendi bijuteria, eu fiz cruz na boca, como se diz dos pobres (...) a gente fica com fome, fiquei com fome na PUC. Eu sou de uma época onde não tinha, quando ainda não existia aquele fundo, criado logo depois, eu ainda estava lá, eu estava bem assim no início, no meio do curso quando foi criado o FESP, mas eu não tive acesso. Então, para mim foi muito difícil, porque eu fiquei com fome, eu pedi carona, como meu pai era motorista de ônibus, para eu economizar na passagem, e a passagem era caríssima até a Central do Brasil, de Nova Iguaçu, eu pedi carona muito tempo, e, aí, até fui posta para fora do ônibus, óbvio. Então, eu costumo dizer que (...) quando a gente entra na faculdade. Foi um processo de degradação da minha auto-estima, tão grande! Porque, como a gente entra na faculdade dessa maneira, você está tão acostumado a baixar a cabeça. Sempre falo isso! Você baixa a cabeça para pedir carona, você baixa a cabeça para pedir xerox, você baixa a cabeça para a professora para falar que não tem um DVD em casa para assistir o filme que ela pediu. Você baixa a cabeça para dizer que você não pode comprar o livro. Resultado: quando você termina o curso, você não consegue mais levantar a tua cabeça, porque está com torcicolo. Teu pescoço está tão duro! Você está com a cabeça tão para baixo, que você demora. Eu acho que demorei. Eu tenho cinco anos de formada! Pelo menos nos últimos quatro, eu fiquei tentando levantar a minha cabeça. Eu tive depressão! Foi um processo de degradação da auto-estima (...) Eu fico pensando: Meu Deus, graças a Deus os pobres e negros chegaram a universidade. Mas, meu Deus, a que custo! Que custo é esse? Que degradação é essa? Talvez tenha pessoas que não se recupere jamais,

eu pude me recuperar, enfim, minha vida material era isso. Agora, hoje, eu ganho um excelente salário em relação a população brasileira, em relação a população brasileira, não em relação aos apresentadores, não em relação a quem faz a mesma coisa que eu, meu salário é baixo em relação as outras pessoas que tem a mesma função. Eu ganho um salário baixo em relação a eles, mas eu conquistei muitas coisas, e essa conquista não foi minha, foi uma conquista familiar. Com isso a minha irmã está na universidade, está se formado, tem melhorado, melhorou a vida dos meus pais, e melhorou em muito a minha vida. Estou pagando a minha casa própria, claro que tudo ainda é início, começando uma casa, mas já tenho um carrinho, não ando mais de ônibus há um ano e pouco, dois, sei lá, então, isso, há uma mudança drástica da minha vida, fora o *glamour* de ser uma apresentadora, muito mais *glamour* do que tudo.

(...) Com certeza, com certeza, sim. É, digamos que hoje eu não sustento a minha família, mas sou arrimo também da minha família. É a conquista que eles não teriam tipo um carro mais novo, uma geladeira nova, as conquistas extras que não se conseguiria com o salário, são conquistas minha também, nossa, junto, sabe (...) a minha irmã estuda francês, ela precisa fazer um curso de francês, eu pago o curso dela, entendeu, fora a graduação, mas ela estuda na universidade pública. O meu irmão tem um trabalho lá. Então, são conquistas coletivas, sabe, conquista, vou falar, ah meu marido, meu marido trabalha com gráfica, aí hoje a gente juntou dinheiro está comprando uma máquina e com isso mudou a família dele também, ou seja, um ciclo, muda as pessoas que estão a sua volta, e isso não se conseguiria, fora o que faz teus primos, os seus sobrinhos sonharem que é possível isso é o mais importante, porque você ajuda as pessoas a começarem a sonhar, isso para mim não tem preço. Não é você contribuir com o carro da tua mãe, ou contribuir com o orçamento familiar da tua mãe, com dinheiro, mas é contribuir, saber que tua sobrinha fala “ah não, eu vou fazer jornalismo também”, ou então teu sobrinho fala “minha tia conseguiu, vou fazer medicina”. Jamais se sonhava em entrar na universidade, fui a primeira pessoa da minha família a entrar na universidade, do todos, por parte de pai, de mãe, e de todos os ancestrais, de tudo, enfim, de todos os escravos. Então, hoje não, hoje eu tenho, acho que quatro pessoas na universidade, e quase todos da nova geração sonha, e me tem como exemplo, “minha prima conseguiu, minha tia conseguiu”, isso não tem preço (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Como expressaram os discursos acima, o ingresso imediato no mercado de trabalho proporcionou uma mudança significativa na vida material, individual e familiar de alguns dos indivíduos entrevistados, mas não vivemos no melhor dos mundos, portanto, para outros a mudança não tão foi significativa. Não ter alcançado êxito imediato foi uma realidade para outros entrevistados, cuja vida material se manteve semelhante a realidade anterior ao ingresso na universidade.

As entrevistadas destacam como principais fatores para que esta realidade tenha se mantido, o fato de não terem ingressado imediatamente no mercado de trabalho; não terem ainda trabalhado em uma função condizente com a formação e com um salário melhor. Esta é uma realidade para as entrevistadas 1,3 e 4, sendo que esta

última aponta que sua mudança principal foi no simbolismo social de sua formação e pela carreira escolhida, o que, afirma, eleva a sua auto-estima. Veja seus discursos,

Caramba, diferente é claro! Eu sempre comento com meus amigos, que é o seguinte, antes de eu começar a fazer o pré-vestibular, eu trabalho desde os meus 14 anos, sempre trabalhei, eu fiz o meu segundo grau trabalhando, estudando na verdade a noite, trabalhava durante o dia para pagar o colégio que eu estudava a noite (...) meu pai não tinha condições mais para pagar o colégio, eu estudei em colégio particular, mas desses colégios particular que é um colégio público, mas o que acontece, eu comecei a trabalhar com meus 14 anos numa fábrica de costura, entrei lá como auxiliar de serviços gerais, depois passei para aprendiz de costureira, saí de lá porque eu consegui numa fábrica mais perto de casa, eu iria estudar com mais tranquilidade, depois me tornei costureira profissional, ganhava um salário de profissional. Nessa época, eu tinha a minha vida material era melhor do que até agora, porque tinha um salário de profissional, e ainda tinha meu pai, eu ajudava em casa, mas não precisava de uma ajuda tão grande, então sobrava dinheiro para eu fazer as minhas coisas, eu fazia curso, academia, fazia dança de salão, então, na verdade comprava se eu tivesse vontade de comprar uma roupa, tinha como comprar. Quando passei para a PUC-Rio, eu tive que sair do trabalho, porque o curso era durante o dia, praticamente se ficava na universidade o dia todo, não tinha como eu trabalhar fora, saí do trabalho e fiquei me mantendo durante quase um ano com a minha rescisão, quando meu dinheiro acabou minha irmã me ajudou até sair este estágio (...) Não! Ainda não houve mobilidade! Bom meu caso pode ser até uma exceção, mas eu acredito que ainda não houve porque eu não consegui trabalho, efetivamente não ingressei no mercado de trabalho. Eu estou ganhando o que eu ganhava antes de entrar na universidade. Ainda não ingressei no mercado de trabalho, ainda não trabalhei em uma função em que o salário fosse melhor, condizente com a minha formação, mas eu acredito que se a gente for pensar que as pessoas que conseguem depois da universidade entrar no mercado de trabalho em sua função, as vezes nem precisa ser na função em que se formou, mas trabalhar em outras coisas, mas que o salário seja um pouco melhor, há uma mobilidade sim. Mas se você não consegue ingressar logo no mercado de trabalho, fica difícil (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Também por ainda não ter ingressado efetivamente na esfera do trabalho na função em que se formou e por manter ainda a condição profissional anterior ao ingresso na universidade, a entrevistada 3, fala que não mudou muito a sua vida.

Olha! Não mudou muita coisa não. Está mais ou menos a mesma coisa, porque antes eu já trabalhava. Quando eu ingressei na PUC-Rio, eu já era professora de História, e já dava aula no Estado e dava aula na Cândido Mendes. Eu era ainda professora de Município de Caxias. Durante o curso na PUC-Rio eu fui mandada embora da Cândido Mendes. Aí eu fiz o concurso para Caxias, aí me chamaram, quer dizer, foi durante o curso que eu passei a ser professora do município de Caxias, que sou até hoje, com o que eu sobrevivo, o município de Caxias e o Estado. Não, não, mobilidade social, houve não, nenhuma (Entrevistada 3. Formada em Direito no ano de 1999. São João de Meriti, 16/03/2006).

A entrevistada 4, por estar a pouco tempo atuando na carreira em que se formou e pela especificidade do público que atende, como diz “pessoas desassistidas da sorte”, revela em seu discurso que a mudança significativa ocorrida em sua vida aconteceu no âmbito simbólico,

Bem, eu continuo trabalhando como professora. Quando eu entrei já tinha esse emprego. Eu trabalho em outro lugar também. Mas, é ótimo estar formada, é ótimo ter uma carteirinha da “Ordem” (Ordem dos Advogados do Brasil – OAB), é bom você chegar nos locais, eu me sinto bem. Eu gosto de apresentar que sou advogada, porque foi com muita luta, então, não tem que esconder isso. Eu gosto de mostrar minha carteirinha, eu fiz questão de tirar a carteirinha da “Ordem”. Depois que eu comecei a pensar, até então eu não ia advogar, então deixei para lá. Quando eu vi que concurso, que não conseguia passar, aí eu falei, vou tirar a carteirinha da “Ordem”. Aí eu tirei a carteirinha da “Ordem”. Eu gosto de me sentir advogada. Eu gosto de me sentir este tipo de ascensão. Agora, em relação a ascensão financeira, eu ainda não estou colhendo os frutos do meu curso. Porque aqui neste escritório atual (inaugurado em 2005), que estou trabalhando com minha amiga a gente ainda não está tirando receita. A gente está investigando, investigando, investigando, porque a gente sabe que vai vir, mas ainda não tem, até porque a maioria dos nossos clientes são pessoas desassistidas da sorte e que não adianta cobrar, porque elas não têm para pagar, só o essencial, tirar xerox, aquelas coisas. Então, são ações que a gente vai conseguir, e como a gente começou mesmo em janeiro, as maiores das ações vão ser resolvidas agora (Entrevistada 4. Formada em Direito no ano 2000. Duque de Caxias, 23/03/2006).

Por fim, como podemos perceber o caminho para a transformação das condições materiais de existências dos indivíduos das camadas mais pobre da nossa sociedade, não importando neste aspecto, se são da “raça” negra ou não, pois como vimos, nem todos que tiveram suas vidas transformadas para melhor se declararam negros, começa com um pequeno gesto, com uma pequena ação, com a agência humana de cada um de nós e, estas ações se espalham pela sociedade, como um contágio e seu efeito multiplicador transformam caminhos e realidades.

## 6.2.2

### **O efeito multiplicador: a participação comunitária**

Um dos aspectos mais importantes da análise da trajetória de vida dos indivíduos do grupo entrevistado são o impacto que sua formação acadêmica teve sobre a sua família e sua comunidade de origem. O desenvolvimento de novos projetos e a participação ativa em projetos já existentes, especialmente os ligados aos pré-vestibulares, é um traço marcante na trajetória de alguns desses indivíduos. As



entrevistas mostram que esta peculiaridade continua muito forte, mas mostram também que outros se afastaram das suas comunidades na medida em que foram empreendendo outras atividades.

A perspectiva de quem se forma e consegue ingressar imediatamente na esfera do trabalho e, em função disso, inicia um processo de ascensão social, sendo originário das comunidades pobres, principalmente convivendo com a cotidianidade da violência, seria a de seguir o caminho “natural” em busca de outros lugares mais tranquilos para viver, geralmente para viver em lugares distantes da comunidade onde nasceu e se criou. Mas, em alguns dos casos estudados, os indivíduos mantiveram seu vínculo com a comunidade mesmo depois de terem ascendido socialmente. De uma maneira geral, todos os entrevistados colaboraram de alguma forma com suas comunidades e ajudaram a muitos dos seus vizinhos e familiares a galgarem um espaço melhor na sociedade e a melhorarem suas vidas: material e simbolicamente.

Há inúmeras formas de contribuição tais como a participação de alguns dos entrevistados dando palestras como convidados nos pré-vestibulares; os que exercem atividades em ONGs ligadas às comunidades pobres e, aqueles que estão contribuindo com o fortalecimento da comunidade em suas atividades docentes em escolas do bairro onde moram, como é o caso da entrevistada 5, que levam aos seus alunos o exemplo de sua trajetória construída com muita luta como forma de os incentivarem a prosseguir para vencerem na vida.

A minha contribuição, hoje, eu acho, justamente por eu trabalhar na rede privada no meu bairro, a minha contribuição, ela está em sala de aula mesmo: de mostrar que, mesmo que seja de rede privada, muitos são bastante carentes, muitos alunos que não tem nem de longe a possibilidade de fazerem faculdade, mesmo que pagando. Então, assim, a minha contribuição é em sala de aula, principalmente na questão de trabalhar, ainda mais porque história pede isso, a disciplina história, que é a questão de vencer o problema da desigualdade social e do preconceito racial, no lugar onde você mora, nas relações da própria sala de aula, porque ocorrem. Então, a minha contribuição, ela está ali, meio que centrada na escola em que eu trabalho, porque é o ambiente que nesse momento eu estou aparecendo, e logicamente nos outros lugares que eu trabalho. Eu dou aula hoje, como eu estou trabalhando no sistema de contrato do estado, num bairro, num distrito do lado do meu, onde muitos alunos, inclusive, moram perto de mim, meu trabalho também está ali. Porque todos eles, de certa forma, eu faço muita questão de falar para eles qual a minha origem, faço muita questão, para que eles perceberem que (...) muito do que eles estão vivendo hoje, foi uma situação que eu também vivi. E, para eu chegar a situação de professora deles, eu tive que lutar por muita coisa, eu tive que pular obstáculos, eu tive que driblar muita coisa, então, eu faço muita questão. É situação de passar fome mesmo, de olhar e “eu queria comer um

*cooky* no *Subway*” e não poder porque eu estou dura, entendeu? As vezes eu ia para faculdade só com o dinheiro da passagem do ônibus aqui de baixo, e chegando lá eu me virava para poder entrar pela frente no ônibus com o jalequinho de escola, enfim, mostrar para eles, assim. Eu não tenho vergonha nenhuma não. Se eu tiver que me emocionar em sala de aula, inclusive, eu me emociono com eles. Na medida em que eles falam assim “poxa professora, a senhora fez isso”, fiz, gente, e ai! Qual o problema? Com tanto que você, logicamente, você não fazendo aquilo por onda, está fazendo porque você precisa. Se você tiver que estudar, estuda nessa, entendeu? (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

A entrevistada 1 destaca que sua contribuição continua sendo no pré-vestibular comunitário, coordenando e dando aula de “Cultura e cidadania”, mas não somente no núcleo ao qual pertence, mas também em outros núcleos da redondeza. Mas, se declara insatisfeita, pois gostaria de contribuir mais, pois não tem conseguido até mesmo em função do pouco investimento que é feito na Baixada fluminense, que acaba inviabilizando a consecução de seus projetos. Veja o que diz sobre este assunto,

Eu ainda continuo no pré-vestibular comunitário. Coordeno, dou aula de cultura e cidadania, mas não só no meu núcleo, geralmente nos núcleos ali da redondeza. Assim, a minha contribuição! Eu acho que ainda deveria contribuir mais. Porque, quando eu estava na universidade nós tínhamos um grupo de universitários que tinham saído do pré-vestibular, tínhamos o projeto de montar uma biblioteca comunitária, mas não conseguimos o espaço, a gente que é da Baixada não temos muito acesso ainda a este tipo de cultura, teatro, dança, música, do que as favelas no Subúrbio, por exemplo, até mesmo das favelas da Zona Sul, porque muitos projetos sociais, você vê milhares na Rocinha, na Mangueira, porque elas já são famosas, então esses projetos primeiramente eles querem montar onde? A Baixada, fazendo analogia ao livro de Maria Carolina de Jesus, nós aqui da Baixada, nós somos mesmo realmente “Quarto de Despejo”. Ninguém tem o olhar para lá. Assim, a quantidade populacional, a quantidade da população é muito grande, você vê as pessoas ociosas. Se você for entrevistar as crianças e os adolescentes, você vai contar nos dedos as vezes em que foram ao cinema, ao teatro, nunca viram uma peça, nunca presenciaram um show. Assim, você vê muito na Baixada, na época da eleição, os candidatos levarem grupos de pagode, *funk*, esses shows que eles têm acesso. Caxias tinha apenas dois cinemas, até mesmo o esporte, eles querem fazer uma aula até mesmo de futebol, vôlei... as vezes passa na televisão o Projeto Criança Esperança no Cantagalo, eles estão fazendo aqueles eventos e você vê os olhinhos deles brilhando, pedem para levar lá. Por que não monta alguma coisa mais para cá. O Cantagalo é uma favela, mas é na zona sul, eles têm mais acesso do que a baixada (...) Eu me considero uma pessoa que contribui para a comunidade, mas acho que estou fazendo muito pouco, ainda tem os projetos que quero concretizar.

(Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Dentre as diversas formas de contribuição quero destacar a desenvolvida pela entrevistada 9, como comentei acima, dirige toda a sua formação acadêmica para trabalhar em função de sua comunidade. Esta destaca em suas relações com a

comunidade o fato de as pessoas irem até ela para conversar, para perguntar determinadas coisas, para pedirem orientação. Diz ainda que, “a forma como as pessoas vêem essa oportunidade é bem diferente, porque para algumas pessoas isto está muito distante da realidade, então faz diferença”.

Destaco ainda que a sua “agência” a levou a desenvolver todo o seu pensamento e todo seu trabalho em função de tentar melhorar a qualidade de vida das pessoas que ali moram. Esta perspectiva a levou a fundar uma ONG, através da qual desenvolve uma série de projetos criados a partir das dificuldades encontradas na comunidade. Esta atitude tem feito uma diferença significativa em sua comunidade. A respeito desta “ação afirmativa” e sobre seus projetos ela diz:

Hoje a gente desenvolve uma série de projetos a partir das dificuldades que a gente vê nessa comunidade. A gente tem um conselho, que a gente chama de conselho da comunidade, que a gente reúne uma série de líderes, de lideranças, de moradores, creche, igrejas, para está nos ajudando a pensar quais são os problemas e como é que a gente interage com essa comunidade. Então, eles apontam para a questão de que tinha muita gente analfabeta, então a gente trouxe um projeto de alfabetização de jovens e adultos e aí (...) a gente já trabalhava com a questão do pré-vestibular (...) tem muitas mulheres chefe de família na comunidade, sem recursos, sem fonte de renda, então, a gente montou um projeto de grafite, para usar a grafite como uma forma de geração de renda. Então, assim, a gente está sempre em contato com essa comunidade, pensando em quais são as necessidades e como é que a gente pode interagir. Acho que, nesse sentido, todo o trabalho que eu faço. E a minha formação acadêmica eu uso no sentido de está trazendo coisas e pessoas para essa comunidade para tentar melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram aqui (...)

(Entrevistada 9. Formada em Letras no ano de 1998. Duque de Caxias, 31/05/2006).

Outra importante contribuição é dada pela entrevistada 12, não só no sentido de sua atividade ligada as aulas de redação que continua dando no pré-vestibular onde estudou, mas principalmente pelo efeito simbólico de sua conquista para toda comunidade, que julga não ser uma conquista somente dela, mas de todos.

Hoje, eu já estou fazendo dez anos, esse ano, dando aula no pré-vestibular. Em 1996 nós fundamos o pré-vestibular, está fazendo dez anos. Quando eu entrei na universidade, eu fundei um pré-vestibular lá na comunidade, hoje meus ex-alunos são professores, eu fiquei velha. Vários professores são ex-alunos meus, os meninos ficam me encarnando “como assim, você deu aula para o professor de matemática, deu aula para o professor de história”, e eles se formaram. Então, lá na comunidade, uma rede, uma teia, o pré-vestibular caminha sem mim. Eu fiquei dois anos em São Paulo, eles continuaram a vida. Eu voltei, assumi lá o posto de novo, dou aula de redação, e já passaram, sei lá, quinhentos, seiscientos alunos pela minha mão, então, eu contribuo dessa maneira (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

É retratados também pela entrevistada a peculiaridade da vida vivida em comunidade, com todos os seus episódios de ciúme e inveja da conquista do outro, e especialmente todo orgulho que algumas das pessoas da comunidade sentem por esta conquista, que marcam fortemente toda nossa vida.

Nossa, é (...) para mim é mais difícil, acho que complicado fazer essas perguntas, porque tem a questão do *glamour*. Eu estou sempre na minha comunidade, estou lá todo sábado e domingo, inclusive dou aula ainda no pré-vestibular. Então, é exemplo não só para minha família não, aquela conquista, a conquista da universidade que a minha vida, foi uma conquista coletiva, inclusive do bairro, vizinhos. Eu me lembro que não tive dinheiro para fazer a formatura, e aí no dia da minha formatura, no dia que eu fui assinar lá, minha mãe foi comigo, eu assinei lá o livro de colação de grau. Pois é, eu assinei, e aí meio triste, porque claro todo mundo estava se formando, mas eu não queria ter aquela formatura, porque não era a minha vida, não era a minha realidade, só que eu não tinha dinheiro para nada, nem para o diploma (...) e aí, quando eu cheguei em casa meio assim, sabe, tudo bem, estou formada, e aí, eu cheguei em casa tinha uma mega festa, todos os meus vizinhos já estavam organizando aquela festa a um mês, sabe, assim, todo mundo chegou, cada um, (...) chegou com um prato disso, daquilo, quando eu abri o portão estava o bairro inteiro dentro do quintal da minha mãe, sabe, fizeram uma mega formatura. Ninguém teve uma formatura como a minha, maravilhosa. Então, foi uma conquista de todo mundo, sabe, todo mundo está sempre lá participando, todo mundo acha o máximo que eu esteja lá, que eu apresente o jornal e no domingo esteja lá sentada na barraca com eles, oh, eles acham o máximo isso, mas é a vida, vida normal, continua a vidinha simples (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Destaco as relações comunitárias como uma questão importante porque compreendo a fortaleza que a participação de cada indivíduo com a sua “agência” ou como sujeito coletivo, a partir das redes de solidariedade, como um dos elementos expressivos da “afrocidadanização”, tem feito a diferença nas comunidades pobres, operando uma verdadeira mudança de *habitus*. Desse modo:

Se o *habitus* representa a incorporação nos sujeitos de esquemas avaliativos e disposições de comportamento a partir de uma situação socioeconômica estrutural, então mudanças fundamentais na estrutura econômico-social devem implicar, conseqüentemente, mudanças qualitativas importantes no tipo de *habitus* para todas as classes sociais envolvidas de algum modo nessas mudanças (Souza, 2003).

Afinal, são destas comunidades com os indivíduos convivendo diariamente com o descaso das autoridades, com a violência, que tem surgido o verdadeiro sentido de “cidadanização”, isto é, o compromisso que cada um tem em sua intervenção política como cidadãos conscientes da necessidade de transformar a realidade social. Este dado é significativo especialmente por demonstrar que por serem indivíduos negros em ascensão social, eles trazem um novo paradigma de análise, pois como é possível

ascender e permanecer negro ou denegrir-se, também é possível se ascender socialmente e manter o vínculo com a comunidade, sem deixar de reconhecer a sua origem pobre para poder transformar a vida dos seus pares. Ao manterem este forte vínculo com a sua comunidade, servindo de exemplo e referência, contribuem com a possibilidade de fazerem os outros sonharem com seu ingresso na universidade e com a possibilidade de conquistarem melhores oportunidades na vida. Esta, sem dúvida, é a essência do que considero ser o “efeito multiplicador”.